



O objeto e a experiência material

Marcus Dohmann

O artigo enfoca os objetos como companheiros nas experiências da vida cotidiana, conectando os mundos emocionais ao espaço mental dos indivíduos, mediante suas funções e simbolismos, caracterizando-os como verdadeiros predicados da cultura.

Cultura material, objeto, espaço, consumo.

Have nothing in your houses which you do not know to be useful or believe to be beautiful.

William Morris. *The beauty of life*, 1880

A alma das coisas

Água, comida e abrigo. Essas, em tese, deveriam resumir as necessidades básicas do homem. Das rudimentares coberturas corporais, dos adereços feitos com restos de ossos e, eventualmente, das pinturas corporais e dos registros rupestres, tivemos que migrar através dos mais severos climas e tipos de terrenos em nossa caminhada pela evolução material. As necessidades de subsistência e de deslocamento apresentaram os desafios necessários que motivaram o ser humano na constante busca de novas ideias na esfera da materialidade, para sua sobrevivência.

Forma e conteúdo compuseram os fatores que, juntos, podem responder a muitas questões sobre a natureza dos objetos, sejam naturais ou fabricados pelo homem. Entendendo que o fundamento principal entre o homem e o meio é dado pela técnica, pode-se afirmar que as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem constrói sua vida através dos sistemas de objetos. O objeto traduz em sua materialidade a intenção do ato preexistente

que lhe deu origem, e sua forma é produto de uma performance imaginada até mesmo antes de sua própria configuração física.

No princípio, tudo eram coisas, enquanto atualmente tudo tende ao objeto. O meio natural era utilizado pelo homem sem grandes interferências ou transformações. Técnicas e trabalho humano gozavam de comunhão com as dádivas da natureza, em relacionamento intenso e sem qualquer mediação. Hoje, no entanto, a própria natureza transforma-se em objeto, quando o homem se utiliza de suas dádivas com finalidades sociais, atribuindo-lhes valor, como no caso dos mais recentes movimentos ecológicos.

Consolida-se, então, de forma vital, a presença do objeto na existência humana. Dos rústicos vasilhames à organização pessoal definitiva do indivíduo conectado ao ciberespaço nas grandes urbes atuais, estamos cercados por uma materialidade sem fim. Objetificados.¹ Literalmente coisificados.

Camisas, calças, calçados, relógios, talheres, copos, pratos, cadeiras, mesas, armários, papéis, canetas, computadores, agendas, televisores, carros, barcos, aviões, casas, edifícios. A lista é interminável.

Objetos, coisas, troços e tralhas. Todos estão repletos de sentidos e significados, e até

Marcus Dohmann
Objetos, coisas, troços e
tralhas...

Fonte: Fotos do autor e de arquivos
royalty free.

ressignificações por aqueles que lhes atribuem valores e simbolismos, frutos das experiências intersubjetivas e interativas dos indivíduos, entre si e com o resto do mundo.

Em meio às várias dimensões que o objeto encerra, encontramos um eco da gestualidade humana, de forma mais flagrante em sua dimensão ético-estética. Criar, desenvolver, construir e operar formam um conjunto de ações pertinentes aos mais variados objetos, em distintos lugares. O objeto reflete simbolismo que envolve universos mentais, em atribuições de sentidos caracterizados por fluxos imagéticos de diferentes graus de subjetividade, desde simples experiências de “estar no mundo” até a aura criada pelo próprio artefato, em sua condição de ícone, na tarefa de comunicar experiências culturais.

O fluxo de sentidos e imagens que os objetos veiculam através dos canais de comunicação é capaz de despertar aspectos singulares das reminiscências dos indivíduos, recordações de vivências passadas que alternam tensões entre esquecimentos e lembranças, a partir do contato da materialidade do objeto com os sentidos e sensações possíveis que ele encerra.

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, desde uma fotografia até um simples adereço corporal. Os objetos nos conectam com o mundo. Mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias.

Dessa forma pode-se dizer que existe, sem dúvida, “uma alma nas coisas”, remetendo a paisagens subjetivas em que encontramos os sujeitos [re]situados pelos objetos, mediante os aspectos memoriais que as coisas encerram enquanto expressão da materialidade da cultura de determinado grupo social, em

razão do fortalecimento de suas raízes e seus vínculos com o espaço em que se situam.

O objeto é, portanto, prova documental que imprime suas marcas nos indivíduos, criando interna e externamente um processo dinâmico, comunicativo e intercultural.

Uma presença constante

Etimologicamente, objeto, do latim *objectum* e do alemão *Gegenstand*, *Objekt* ou *Ding*, significa atirar contra, o que está do lado oposto, fora de nós. O elemento que resiste ao sujeito.

Henri Focillon defende a ideia de que as coisas seriam dádivas da natureza, enquanto os objetos resultam do trabalho humano, pois pelo fato de a natureza ser objetiva, e não prospectiva, as coisas não podem ter propósito nem projeto. A constituição material, de fato, caracteriza a realidade do objeto *per se*. Se tomado isoladamente, teria um valor apenas como coisa, porém assume um valor como dado social, determinado por sua existência relacional.

Abraham Moles, em *Teoria dos objetos*, afirma que o objeto configura-se como um elemento do mundo exterior, fabricado pelo homem, podendo ser assumido ou manipulado. O autor entende que os objetos exercem, prioritariamente, propriedades como mobilidade e independência, explicando que uma faca de sílex torna-se um objeto, enquanto o sílex em sua forma natural não o é.² Essa definição não é compactuada por Baudrillard, para quem o objeto passa a ser traduzido por extenso inventário de artefatos e coisas que o homem utiliza em sua vida cotidiana. Os objetos, ressalta Baudrillard, transcendem a fenomenologia da vida cotidiana, estendendo-se aos conceitos de símbolo e signo.³

Barthes,⁴ insatisfeito com as definições encontradas, parte de dois conceitos diferen-



Do sílex ao chip
Fonte: Arquivos royalty free

tes para melhor compreender o objeto, dividido em duas conotações distintas, uma de caráter existencial, externa ao indivíduo e, por sua vez, direcionada ao subjetivismo; e outra, tecnológica, segundo a qual o objeto se define como o que é fabricado, como elemento de consumo, direcionado ao social.

À parte da discussão, Henri Lefebvre afirma que o objeto não é bom nem ruim, sendo sua principal característica a relatividade.⁵ O homem agrega simbologias aos objetos, o que, de acordo com Moles, se trata de fato cotidiano, e estamos rodeados de objetos, lembra, é simples constatação. Imaginamos, criamos, desenvolvemos e construímos objetos, e essa tem sido a maneira como moldamos e participamos do processo civilizatório.

Na verdade não há nada mais banal do que o objeto em si. Como afirma Sahlins,⁶ “nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem”. O objeto tem presença garantida em todos os lugares, assumindo diversas configurações, nas mais variadas funcionalidades, do desejável ao inútil.

Argan⁷ afirma que todo objeto é efeito de uma causa e, de acordo com Baudrillard, todas as sociedades humanas sempre organizaram seu cotidiano através da produção e do uso dos objetos, obrigando o homem a estabelecer sempre novas categorias de significados para classificar os objetos conforme suas necessidades. Nesse sentido, eles podem ser objetos domésticos, públicos, modernos, barrocos, folclóricos, exóticos, religiosos, masculinos, femininos, em infinita taxonomia.

Cores, materiais e *design* ajudam a configurar estilos e modelos, aos quais atribuímos uma série de significações que, paralelamente, nos ajudam a estabelecer uma noção de tempo. Como lembra Baudrillard, não se trata, é claro, do tempo real, porém, através dos signos,

sugere indícios culturais que ajudam a situá-los no tempo. Dessa forma teremos uma tipologia que classifica os objetos como antigos, modernos ou contemporâneos. Essa cronologia refere-se ao tempo atual, no qual nos situamos, pois qualquer inversão nesse sentido se poderá dar de forma repentina; o que é contemporâneo hoje poderá transformar-se em antigo ou obsoleto, em breve retornando à contemporaneidade (voltar à moda). Kant⁸ já escrevia que os “objetos mudam e criam diferentes geografias em diferentes épocas”, dando o entendimento de que o objeto pode variar de significação ao longo do tempo, estabelecendo novas relações, independente de suas proporções originais.

Os objetos já não possuem morfologia padronizada, sendo apresentados, representados ou imaginados de forma distinta em cada lugar, ganhando muitas vezes significados diferentes,⁹ de acordo com a imaginação e ação dos sujeitos. Aos objetos são atribuídos valores simbólicos que se relacionam com os contextos nos quais estão inseridos, seja fora ou dentro do espaço estritamente orientado pelo senso comum ou mesmo pelas convenções sociais. Um objeto pode superar sua função prática, comunicando informações, como afirma Barthes, pois há sempre um sentido que transborda de seu uso.¹⁰

De acordo com Ernest Dichter, os objetos que nos cercam não têm apenas aspectos utilitários, porém, mais do que isso, atuam como espelhos que refletem nossas próprias imagens. As coisas com que convivemos no dia a dia influenciam diretamente nosso comportamento social.¹¹ Em termos de importância, podemos afirmar que os bens materiais sofreram aumento sem precedentes no contexto da existência humana. Nunca tivemos tantos objetos como temos agora. Nossas casas estão repletas de objetos, dos quais nos vemos cada vez mais dependentes. Atualmente os objetos, de di-

ferentes maneiras, determinam como devemos andar, comer, sentar, olhar uns aos outros e, sobretudo, nos relacionar.¹²

Espaço, complexidades e inter-relações

O espaço impõe aos objetos uma lógica que muitas vezes passa a ser redefinida apesar de suas vocações originais. Todo espaço consiste em um conjunto de objetos e suas inter-relações, que, em suas constantes transformações, materializam novas funções na tessitura social.

Sistemas de objetos e sistemas de ações conformam o espaço de forma indissociável e solidária. Atualmente temos um espaço formado por sistema de objetos cada vez mais artificial, permeado por sistema de ações igualmente artificial, devido à total interação entre ambos. De um lado vemos os objetos como condicionantes da maneira como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações como motor do desenvolvimento de novos objetos ou mesmo da transformação de objetos preexistentes.¹³ A política e a prática de competitividade levam a esse envelhecimento precoce do inventário de objetos técnicos que nos cercam. Dessa forma o espaço estabelece sua dinâmica, com base em constante renovação.

Segundo Giles Simondon,¹⁴ quanto mais os objetos se aproximam da natureza, mais imperfeitos são, e, ao contrário, quanto mais tecnicizados, mais perfeitos serão. Enquanto produtos da ciência e da tecnologia, os objetos técnicos aspiram, através de sua precisão funcional, à perfeição maior do que a da própria natureza, constituindo, de modo único, as bases materiais para o empreendimento de ações mais representativas de nosso período atual.

Os objetos permitem as mais diversas classificações, dependendo dos aspectos que se deseja avaliar.¹⁵ Pode-se estabelecer uma

primeira classificação a partir das condições funcionais e estruturais de um objeto. Segundo Moles, os objetos possuem dois níveis de complexidade, um funcional, ligado ao repertório de funções combinadas para o uso (dimensão estatística do uso), e outro estrutural, entendido como informação, utilizado para comunicar-se com outros objetos. Complexidade estrutural e complexidade funcional são, portanto, as dimensões essenciais da materialidade no mundo, definidas pelo ser humano para os objetos, permitindo, dessa forma, traçar um mapa do mundo dos objetos.¹⁶

A determinação funcional poderá implicar diversas outras classificações, dependendo dos aspectos que devam ser realçados. Objetos naturais, técnicos, de arte e de *design*¹⁷ são apenas parte integrante de um estudo demográfico maior dos objetos, empreendido para o reconhecimento de uma verdadeira “ecologia de objetos”.¹⁸

Todo objeto possui lógica própria, advinda de sua unidade. Sua eficiência pode ser aumentada ou diminuída se alterarmos partes de sua estrutura ou funcionalidade. Milton Santos chama a atenção para a “inseparabilidade do continente e do conteúdo, quando assevera que a separação destrói a unidade de um e de outro”.¹⁹ Baudrillard lembra que os objetos atuais mantêm caráter de interdependência muito forte, não funcionando isoladamente. Trata-se de um todo cujas partes só são viáveis quando em conjunto, como descreve Hegel²⁰ – “uma coisa tem propriedades, e essas estão principalmente nas relações com as outras coisas”.

O tempo dos objetos

As técnicas contam a história dos objetos na trajetória do homem através dos tempos, datando a materialidade artificial

construída pelo homem em seus mais diversos segmentos, da produção à comunicação, da sociabilidade à subjetividade. Segundo Leroi-Gourhan, o capitalismo vai contribuir para a aceleração do processo que leva à internacionalização das técnicas, em sua globalização, não mais como tendência a ser seguida, mas como fato.²¹

A inovação tecnológica influencia fortemente os objetos técnicos que empreendem constantes renovações e perdem meteoricamente seu valor. Barthes²² ressalta que os objetos cuja morte anunciada desde o nascimento formam um sistema de moda em que a renovação passa a ser totalmente intencional. Moles lembra que o uso dos objetos cotidianos é uma memória datada e inscrita na duração cultural em que vivemos.

*O objeto é um entrave na estrada da evolução cultural. O “novo” sedimenta-se na cultura, e o objeto impõe-se ao exame crítico pelo seu descalabro cultural, fenômeno linear, mas apresentando acelerações que são a marca da emergência de novos estímulos.*²³

Entre papéis simbólicos e funcionais, cabe estudar os objetos como sistemas e não como simples agrupamentos ou coleções, pois sua utilidade, seja no presente, passado ou futuro, advém de seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram e herdaram das gerações anteriores. Apesar de a ideia de tempo ser inseparável da ideia dos objetos e de seu valor, cabe lembrar que se torna muito difícil discutir a idade social de um objeto, visto que o envelhecimento moral depende de um jogo de fatores que não é revelado com antecedência, pois a conexão existente entre os objetos é conferida pelos eventos, materiais ou não.²⁴

Outra noção importante que podemos associar ao tempo está focada no tamanho do

objeto, pois é comum sermos induzidos a avaliar seu grau de complexidade relacionando-o diretamente a essa variável. Apesar da convivência e das ações colaborativas entre as dimensões da miniaturização e do gigantismo nos objetos, podemos atualmente observar acirrado investimento na atomização das tecnologias para produção de sistemas de objetos invisíveis a olho nu.

Todo e qualquer período histórico conta com um conjunto correspondente de técnicas e tecnologias que o caracterizam, bem como um sistema correspondente de objetos como resposta. Moles afirma que o papel do objeto é duplamente mediador, pois, além de se colocar entre o homem e a sociedade, é necessário considerar também sua situação material. Por sua vez, Baudrillard complementa que não basta definir os objetos em sistemas, pois a descrição de um sistema de objetos dependerá da descrição de um sistema de práticas, caracterizando interferência contínua entre as duas partes.

Conforme explica Baudrillard, os objetos impõem seu frenético ritmo e sua incessante sucessão ao homem através da multiplicidade dos vetores materiais, fazendo com que interfiram constantemente no espaço, redefinindo sua configuração, estrutura, fisiologia, aparência e, sobretudo, suas relações. Da pequena variedade, da comunhão e da anterior submissão aos artefatos, o sistema dos objetos evoluiu, apoderando-se do nosso cotidiano, em interação prática sem qualquer profundidade. A ideia de alienação, proposta por Marx, impõe-se, na atualidade, de forma gradativamente mais forte, devido à passividade com que aceitamos e consumimos os objetos técnicos atuais.²⁵

Hoje assistimos à criação de objetos com funções cada vez mais determinadas, comprometendo eficácias com intencionalidades absolutamente científicas, obedientes a uma ló-

gica muitas vezes estranha ao ser humano, a respeito da qual, diante da extrema funcionalidade cujos fins muitas vezes nos escapam, Maffesoli exclamou: “os objetos não mais nos obedecem”. Trata-se de intencionalidade mercantil, ao mesmo tempo, dotada de generosas doses de simbolismo²⁶

É comum considerar objetos úteis, estéticos, necessários ou mesmo simplesmente indulgentes. Vivemos um tempo em que pensamos os objetos como companheiros para nossas emoções ou como provocadores de um pensamento. A noção de objeto evocativo traz à tona esses dois tipos de abordagem, ressaltando a condição inseparável do pensamento e da sensação em relação às coisas (objetos) materiais. Pensamos com os objetos que amamos e amamos os objetos sobre os quais pensamos. Nos tempos atuais, a sociedade humana experimenta total imersão no culto aos objetos, que se renovam e multiplicam aos milhares configurando nosso entorno e influenciando profundamente nossas relações sociais.

Entre coisas, troços e tralhas, o objeto atual confirma seu papel como uma extensão do homem, traduzido em objetividade externa ao ser, convertendo e consolidando-se como o instrumento material de sua existência e, em paralelo, sinalizando outro mundo permeado pelo sentido, no qual desperta o signo, sempre transformado no espetáculo de uma função.

Marcus Dohmann é docente do PPGAV/EBA/UFRJ e coordenador do Laboratório do Núcleo Gráfico do Departamento de Comunicação Visual.

Notas

1 A objetificação faz com que um esquema conceitual se torne real, transformando o que era abstrato em elemento concreto. É o processo que dá materialidade às ideias, tomando-as objetivas, concretas, tangíveis.

- 2 Moles, Abraham. *Teoria dos objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981: 27-28.
- 3 O objeto tem autonomia de existência, devido a sua dimensão material, mas não consegue imputar uma autonomia de significação, que provém das diferentes relações que mantém com os mais diversos eventos.
- 4 Barthes, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- 5 Berger, A. Arthur. *What Objects Mean: An Introduction to Material Culture*. Nova York: Left coast press, 2009: 69.
- 6 Sahlins, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003: 170.
- 7 Argan, Giulio C. *Projeto e destino*. São Paulo: Ed. Ática, 2000: 17.
- 8 Apud Santos, op.cit.: 96.
- 9 Segundo Barthes (2001:215), o objeto dito polissêmico oferece-se facilmente a várias leituras não apenas de um leitor para outro como também pelo mesmo.
- 10 Roland Barthes (2001:210) esclarece que "a função de um objeto torna-se sempre, pelo menos, o próprio signo dessa função: nunca há objetos, em nossa sociedade, sem uma espécie de suplemento de função".
- 11 Ernest Dichter in Berger, 2009: 14.
- 12 Sudjic, Deyan. *The Language of Things: Understanding the World of Desirable Objects*. New York: W.W. Norton & Company, 2009: 7-49.
- 13 Os objetos preexistentes veem-se envelhecidos pela aparição dos objetos tecnicamente mais avançados, dotados de qualidade operacional superior.
- 14 Apud Santos, op.cit.
- 15 Baudrillard (Baudrillard, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2002:10) afirma que existiriam quase tantos critérios de classificação quanto objetos: segundo a funcionalidade, tamanho, forma, matéria, durabilidade, etc.
- 16 Moles, op. cit.: 29.
- 17 Bense apud Santos, op. cit.
- 18 Santos, 2008, op. cit.: 69-70.
- 19 A forma e o conteúdo existem separadamente apenas como "verdades parciais", abstrações que só reencontram seu valor quando vistas em conjunto (Ledrut apud Santos, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2008: 100).
- 20 Apud Santos, 2008.
- 21 A tendência e o fato são as duas faces (uma abstrata, outra concreta) do mesmo fenômeno de determinismo evolutivo (Leroi-Gourhan, A. *Evolução e técnicas. I - O homem e a matéria*. Lisboa: Edições 70, 1984: 25).
- 22 Apud Santos, 2008.
- 23 Moles, op. cit.: 103.
- 24 Santos, op. cit.: 158.
- 25 Santos, op. cit.: 214.
- 26 De acordo com Moles, objetos e necessidades estão interligados a partir de uma dialética de estímulos e respostas a estes estímulos, envolvidos, de um lado, por uma complexidade de necessidades e, de outro, por uma complexidade de sortimento, constituintes da dimensão do *Homo Faber* (in Moles, A. et al. (org.). *Civilização industrial e cultura de massas*. Petrópolis: Vozes, 1973: 17).